

Nº 5 - Maio 2012

Escola Secundária de
Rocha Peixoto



50
1962 > 2012

CELEBRAÇÕES DOS 50 ANOS DO EDIFÍCIO

Escola Secundária
Rocha Peixoto

a Rocha

Uma Escola Multidimensional que Hoje Seja Mais e Melhor que Ontem



11/12

8

ARTIGO

50 Anos do
Edifício

4

MENSAGENS

Sr. Diretor

Sr. Presidente do
Conselho Geral

Associação de
Estudantes

Associação de
Pais e
Encarregados de
Educação

12

DEPOIMENTO DOS ANTIGOS ALUNOS

Orlando Lino

Vânia Oliveira

Rosa Carreira

Lara Milhazes


*Todos os textos assinados
são da responsabilidade
dos seus autores*

20

ARTIGO

Alunos do 10ºano
Porquê a Rocha





ATIVIDADE DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR

Biblioteca
Teatro
Coro
Desporto Escolar

COORDENADORES DE DEPARTAMENTO



OFERTA DA ESCOLA

Um Ensino e Formação com Qualidade

DIPLOMAS DO QUADRO DE EXCELÊNCIA

2010/2011

ROCHA EM NÚMEROS



Editorial

Há cinquenta anos inaugurava-se o edifício escolar que iria albergar a Escola Industrial e Comercial da Póvoa de Varzim. Foi uma decisão com futuro. Economizou-se nos gastos das expropriações e relançou-se a então vila piscatória para fora dos seus limites urbanos. Esta visão dos responsáveis autárquicos transformou a Póvoa numa terra mais cosmopolita e, sobretudo, numa terra onde o saber e o desenvolvimento cultural e técnico assumiram um lugar de destaque. A Escola passou a ser local de encontro de gerações oriundas de diversos concelhos ávidas de saber.

A Escola Rocha Peixoto orgulha-se das gerações de estudantes, funcionários e professores que por cá passaram. Estes obreiros do conhecimento e da cultura, na sua caminhada escolar não descuraram os seus deveres profissionais, as suas obrigações contratuais e estudantis, mas, também, como dizia Steve Jobs, nunca deixaram que a voz de outras pessoas afogasse a voz interior e sempre tiveram a coragem de seguir, em vários momentos, o coração e a intuição.

A revista "A Rocha" não podia, neste ano em que se comemora os cinquenta anos da inauguração do edifício da Escola, ficar alheia a esta efeméride. Por isso, os textos aqui apresentados, procuram ser um testemunho do passado que alicerçou o presente e projeta o futuro. As coisas boas aqui realizadas não foram gozadas de uma assentada. Guardou-se um bocado para outros cinquenta anos!...

Ao olhar para aquilo que se fez e faz, leva-nos a exclamar: "Fizemos alguma coisa maravilhosa".

Justino Pereira

50

Cinquenta Anos Neste Edifício

CINQUENTA novos grupos de alunos;
CINQUENTA novas colocações de professores;
CINQUENTA anos de conhecimento amizados criadas e muitas vezes desligadas;
CINQUENTA anos de pontos de encontro geradores de afetos, muitas vezes determinantes para o Futuro de cada um;
CINQUENTA anos de sucesso determinantes para a vida da maioria dos alunos;
CINQUENTA anos permaneceu a escola à espera dos alunos sem nunca esmorecer na confiança da sua função e utilidade para a comunidade;
CINQUENTA anos de paciência e bonomia para com os mais irreverentes, na persistência com que os procurava levar ao sucesso na sua formação;
CINQUENTA anos a procurar adaptar-se, evoluir para melhor servir;
CINQUENTA anos a procurar elevar o nível dos serviços, a melhorar as condições proporcionadas pelas instalações;
CINQUENTA anos a procurar, em contínuo, equipamentos que enriquecessem o processo de ensino e aprendizagem, ajudando professores e alunos;
CINQUENTA anos de planeamento sem fim com o intuito de melhor cumprir a sua missão;
CINQUENTA anos de amizados e rivalidades, proporcionadoras de momentos de solidariedade e enriquecimento pessoal;
CINQUENTA finais de ano, com os seus momentos de alegria e tristeza;
CINQUENTA é muito tempo, mas já passou! Afinal só o que há-de vir é que demora, o que já veio acabou, resta-nos recordar, aprender, para que os próximos **CINQUENTA**, se acontecerem neste local, sejam mais e melhor vividos, com mais sucesso, com mais afeto, solidariedade, para que a recordação seja mais colorida, tenha mais cor e calor em cada um de nós.

Albertino Cadilbe – Diretor da Escola



Conselho Geral

da Escola Secundária de Rocha Peixoto

Aqui vivi

Cinquenta anos. Não é muito tempo para um edifício, mas muito já se passou dentro destas paredes tornando este meio século muito intenso.

Eu, que também tenho cinquenta anos, entrei pela primeira vez nesta escola tinha dez anos.

Tinha acabado de concluir a então escola primária, frequentada num edifício com duas salas, numa freguesia, e ia ingressar no ciclo preparatório. Deparei com um edifício “enorme”, com muitas salas, muita gente, escadas. Até um bar e um bengaleiro para os alunos tinha. Muita gente nos corredores – professores, alunos e funcionários. O espaço exterior apresentava-se amplo, não existindo qualquer construção ao redor tornando quase ilimitado os locais de diversão.

O espaço já se mostrava exíguo pois já tinha sido necessário recorrer a pavilhões pré-fabricados colocados logo abaixo do campo de futebol. Este tinha um piso que era um misto de alcatrão e areia bastante grossa que se tornava num marfírio para os joelhos e mãos quando as quedas eram inevitáveis.

Foi aqui que vivi o 25 de Abril e assisti ao início de uma série de transformações que o país sofreu desde lá.

Regressei volvidos 15 anos. Desta vez para exercer uma actividade profissional. Aparentemente tudo se mantinha como dantes. Mas havia alterações. Criaram-se novos espaços, eliminaram-se outros. Entrei em áreas que enquanto aluno não frequentava. Passei a conhecer o edifício todo. A escola tinha acompanhado o progresso.

O edifício apresentava sinais de desgaste e notava-se a vontade de contrariar este desígnio. A tinta nas paredes já tinha desaparecido mas o chão dos corredores brilhava e as salas tinham o cheiro da cera e do pó de giz. Os espaços começavam a ser exíguos para a procura e as possibilidades para continuar as adaptações eram reduzidas. Contudo o edifício, teimosamente, funcionava. Havia um bom motor a funcionar numa carcaça gasta.



A escola abriu-se ao exterior. Tirava daí proveitos que permitiram levar avante projectos audaciosos, sendo construídos uma piscina e um campo de relva sintética. Equiparam-se com tecnologia de ponta os laboratórios das diferentes especialidades.

Há quatro anos atrás iniciou-se a grande transformação. O edifício foi requalificado e redimensionado. Criaram-se novas centralidades. Reduziram-se os espaços ao ar livre. Perdeu-se o cheiro do pó de giz e da cera. “Ganhou-se” o ar condicionado, os quadros electrónicos ... e a gravilha.

Nem tudo ficou do agrado da Escola nesta mudança, mas verificou-se uma melhoria muito importante para que o motor continue a trabalhar e a melhorar o seu desempenho, apesar de tudo...

Rui Coelho – Presidente do Conselho Geral



Associação de Estudantes da ESRP

“Quanto mais trabalho, mais sorte pareço ter”

Thomas Jefferson

Temos a honra de fazer parte deste momento histórico das comemorações dos cinquenta anos deste edifício, numas instalações renovadas com qualidade acima da média (pavilhão desportivo, piscina, laboratórios, biblioteca, salas...). É nesta Escola com percursos curriculares tão diferentes, com atividades culturais e desportivas tão diversas que aumentamos os nossos “saberes”, enriquecendo o nosso currículo e crescendo... procurando deste modo estar mais preparado para o caminho que temos de percorrer.

Conscientes da caminhada que temos de realizar, pois, tal como dizia Albert Einstein, “Todos somos ignorantes mas não ignoramos todas as mesmas coisas”, sabemos que podemos, sempre, contar com o apoio da Escola, nesse percurso, de acordo com os

PRINCÍPIOS ORIENTADORES E OBJETIVOS, que constam do seu Projeto Educativo, Qualidade, Solidariedade, Integração na Comunidade Educativa, Cidadania e Democracia.

Aos nossos colegas desejamos sucesso e recordamos as palavras do poeta, António Gedeão em Pedra Filosofal

**Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida.
Que sempre que o homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.**

Pela Associação de Estudantes da ESRP

Associação de Pais e Encarregados de Educação

da Escola Secundária de Rocha Peixoto

Quando em 1962 foi inaugurado o Edifício onde está hoje a Escola Rocha Peixoto estariam, com certeza, os seus promotores longe de pensarem que estava a inaugurada uma infra-estrutura que se tornaria uma referência no ensino na Póvoa e na Região.

Hoje, com o edifício melhorado, como o foi em tempos recentes, a Escola Secundária de Rocha Peixoto é uma local que em matéria de infra-estruturas está preparada para os desafios que aí veem.

Em 2012, os desafios já são outros, são os desafios do saber, os desafios do nosso futuro.

A actual situação da tão propagada crise por que a Europa, em geral, e Portugal, em particular, estão a passar, trazem novos desafios a qualquer economia e em particular aos respectivos sistemas de ensino.

Hoje as exigências nos mercados de trabalho são cada vez maiores, seja pela complexidade das funções, seja porque o elevado número de desempregados leva a uma concorrência muito maior entre todos os que vão chegando a esse mercado.

É, assim, essencial que o sistema de ensino tenha a capacidade de ir incrementando valor aos conhecimentos dos jovens, não embarcando em modalidades mais ou menos facilitistas. Mas também é indispensável que isso seja geral a todo o sistema, não podendo ser apenas uma característica particular. E deve abranger todos para que todos tenham a possibilidade de serem bons profissionais e, sobretudo, melhores cidadãos.

Educar, todos sabemos, está bem para lá do ensino formal. É preciso saber fazer, saber ser e saber estar. É preciso também saber ser cidadão.

Dizia o actual Ministro da Educação, enquanto ainda não o era, que uma política de Educação correcta devia basear-se em três vectores: Seriedade na avaliação dos alunos, aposta nos conteúdos e não nos processos e valorização dos professores.

Dizia, ainda, que era decisivo que o Ministério tivesse uma intervenção menos dirigista e que deixasse as escolas funcionar de forma autónoma. Que não era admissível que fosse o Ministério a impor a forma mais adequada para concretizar os objectivos, esses sim, que seria obrigação do Ministério definir. Chegou mesmo a dizer que, a título de exemplo, a definição do tempo de aulas deveria ser um dos elementos inerentes à dita

autonomia das Escolas.

Estamos convictos que estes princípios enunciados são de facto decisivos para que o nosso sistema de ensino possa evoluir de forma muito positiva. Mas a questão é que é necessário para lá de os enunciar, que sejam de facto aplicados. E sobre isso continuamos à espera.

Não compreendemos que se proponha a exclusão dos pais dos Conselhos Pedagógicos, não compreendemos que se decrete o número de alunos por turma a crescer quando em todo o mundo civilizado a tendência é inversa, dificilmente se percebe que se procure um reajustamento no quadro de escolas do país, pela via dos agrupamentos de escolas, sem uma análise sobre o que existe e o que deveria existir.

Se os critérios são os economicistas, então são os menos adequados para promover qualquer reforma estrutural. Se os critérios são económicos, então, sem análise não é entendível que se patrocinem reformas de carácter tão estrutural.

Queremos continuar a acreditar que se podem fazer as reformas que o nosso sistema de ensino exige, visando a valorização da formação dos jovens com o empenho de todos os envolvidos: pais, professores, auxiliares e sociedade em geral.

Com o envolvimento destes, assente numa escola em que a autonomia exista de facto e que, como dizia o Ministro, se valorizem os conteúdos em relação aos processos, podemos, e devemos, fazer mais e melhor no nosso ensino.

Há cinquenta anos nasceu o Edifício da Rocha. Atendendo ao local onde foi feito só podemos dizer que foi perspectivado para o futuro, pois situava-se no então limite da Póvoa. Hoje deixamos um desejo, que essa visão de futuro seja assumida pelos nossos responsáveis para bem do nosso país.

Sabemos que a Equipa da Escola Rocha Peixoto assumirá, como o têm feito, o seu papel para o futuro dos jovens que por esta Escola continuarão todos os anos a passar e a procurá-la.

No momento em que comemoramos os 50 anos da construção do Edifício onde está a Escola Secundária Rocha Peixoto é bom também comemorarmos o lema que ela aplica, "uma Escola de todos para todos".

*Associação de Pais e Enc. Educação
da Escola Secundária Rocha Peixoto*



Cinquentenário do

A Escola Secundária de Rocha Peixoto foi criada pelo decreto número 10.272, de 10 de novembro de 1924, com a designação de Escola Industrial Patrão Sérgio. Em 21 de Novembro de 1924, com a Portaria nº 4.286, a escola passa a denominar-se Escola Industrial e Comercial de Rocha Peixoto, em homenagem ao “ilustre professor de ensino técnico”, mas só com o decreto número 11.262, de 23 de novembro de 1925, é que esta designação se torna efectiva.

Desde a sua criação até ao final do ano lectivo de 1952, a Escola permaneceu no Palacete Postiga, edifício camarário e actual posto da PSP.

Em 1952, após a saída do Liceu Nacional para o novo edifício, a Escola Industrial e Comercial de Rocha Peixoto passou a ocupar a antiga Fábrica do Gás, mas com carácter provisório, até se encontrar ou construir um novo espaço que albergasse este ensino técnico, uma vez que o edifício ocupado pertencia à Junta Central da Casa dos Pescadores e esta não abdicava de reaver as suas instalações. Por isso, é necessário encontrar um local que possa acolher a Escola.

No ano de 1953, discute-se, pela primeira vez, o local para a construção de um novo estabelecimento de ensino. Em reunião camarária de 5 de maio de 1953, são apresentadas três alternativas para locais onde deveria ser construído o edifício definitivo da Escola Técnica. Os membros que compunham a Câmara discutem as propostas apresentadas e acabam por concordar no melhor espaço para a construção, por questões económicas, mas não

porque fosse o melhor para a sua localização.

“Da Repartição de Estudos da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, a enviar a informação dada sobre a escolha do terreno para a construção de novo edifício da Escola Comercial. Disse o Senhor Presidente: Porque a Junta Central da Casa dos Pescadores não desiste, e muito bem, de pretender o antigo edifício do liceu para as suas instalações assistenciais, visto que nos terrenos a poente está assente construir-se o bairro piscatório e porque tendo sido rejeitado o local para o novo edifício do liceu também o está para o novo edifício da Escola Comercial, esta ocupa o antigo liceu provisoriamente; por isso encaram as entidades competentes a construção, quando lhes surja a oportunidade, de novo edifício, que, sem dúvida alguma, representará mais um alto benefício e um motivo de desenvolvimento da Póvoa; para se adiantar tempo, solicitaram os Serviços de Urbanização do Estado ao autor do plano de urbanização desta vila a indicação do terreno; previram-se três locais: um a sul da vila em frente ao antigo edifício do liceu – solução cara – quase inaceitável, já por ficar à face da Estrada Nacional, já por ter a constrange-la por muito tempo o caminho de ferro, já por se situar em zona prevista no plano para indústrias; outro sítio seria o quarteirão entre a Praça Marquês de Pombal e o Largo das Dores, óptima, pode dizer-se, por não ser preciso urbanizar o local, mas de solução cara, não só pela urbanização dos terrenos como por terem de se expropriar vários prédios urbanos; resta a terceira solução,

a norte da vila, para nascente da Estrada Nacional, no topo da futura Avenida paralela à Rua Serpa Pinto, mais económica e de arranjo urbanístico fácil; o urbanista inclina-se para esta hipótese e a Divisão Geral dos Serviços de Urbanização perfilha-a, não só pelo menor custo do terreno em relação às outras duas, mas ainda porque a construção nesse local deverá constituir motivo de atracção para o desenvolvimento urbano da zona. A Câmara, ponderando as razões expostas e o facto de muito se valorizar a zona com o conjunto de edifícios da Basílica, actual liceu e futura Escola Comercial, pronunciou-se de parecer favorável a esta terceira solução e deliberou que se pedisse informação de quando seria preciso adquirir o terreno necessário à construção.” (Acta da Reunião da Câmara Municipal de 5 de Maio de 1953 – Livro de Actas número 27)

A Câmara não tinha dinheiro para encontrar a solução ideal para o novo estabelecimento de ensino, mas tinha uma visão de futuro para a Póvoa de Varzim. Desde cedo,

linha férrea e daquele, por demasiado dispendioso em urbanização; que, assim se oficiou à Junta referida enviando o projecto; que lhe parece estar para breve a construção do novo edifício, já porque a Escola está a funcionar com tão elevado número de alunos, que se tornam insuficientes as instalações no antigo edifício do liceu já porque a Junta Central das Casas dos Pescadores quer dar início à construção do seu bairro de casas, para o que já lhe foi entregue o terreno situado a poente daquele edifício, e pretende esta para nele criar instituições de assistência”. (Acta da Reunião da Câmara Municipal de 9 de Novembro de 1954 – Livro de Actas número 28)

A Junta de Construções para o Ensino Técnico e Secundário ainda apresentou uma quarta alternativa, na Rua Serpa Pinto, como espaço possível para a edificação do estabelecimento de ensino, mas essa proposta não vingou no seio dos responsáveis camarários.

“Como é sabido, indicou o urbanista, em planta, três locais, para a implantação da Escola Industrial e

Edifício Escolar

a Câmara se inclinou para a construção do edifício numa zona ainda pouco ou nada habitada. Poderíamos dizer que a opção dos responsáveis pelo município passava por alargar as fronteiras da então vila, povoando, através da construção do novo edifício escolar, uma região predominantemente agrícola. E por mais razões e posições contrárias que o poder central tivesse apresentado, a Câmara, uma vez impedida, por questões financeiras, de localizar a Escola no quarteirão entre a Praça Marquês de Pombal e o Largo da Senhora das Dores, nunca deixou de ter na construção da nova escola uma oportunidade de ver o seu espaço urbano alargado e requalificado.

“Foi lido o officio da Junta de Construções para o Ensino Técnico e Secundário, a informar que mereceu a melhor atenção o assunto referente à localização do futuro edifício da Escola Comercial e Industrial e que o respectivo projecto foi enviado aos Serviços de Urbanização. Disse o Senhor Presidente que como era do conhecimento direto da Câmara, na referida Junta entenderam dever rever-se a localização do edifício a construir abandonando-se a que estava escolhida pela Câmara a norte da Basílica do Sagrado Coração de Jesus e no topo da projectada avenida paralela à Rua Serpa Pinto, por convir a implantação a sul da vila a fim de servir mais facilmente o vizinho concelho; que, nesta conformidade, a mesma Junta consultou o autor do Plano de Urbanização, o qual propôs a esta Câmara como local a Rua Almirante Reis, lado nascente, no termo da vila, um dos pontos então previstos, rejeitando uma solução a nascente da

Comercial desta vila: o da solução A, no extremo sul, entre a linha férrea e a estrada nacional (Rua Almirante Reis); o da solução B, no quarteirão que fica entre o Largo das Dores e a Praça do Marquês de Pombal; e o da



solução C, a norte da vila e da Rua de Serpa Pinto e a nascente da estrada nacional a situar o estabelecimento de ensino no topo de uma praceta e extremo de uma avenida para o mar prevista no plano de urbanização. Das três soluções, a terceira é sem dúvida a mais económica quanto a custo dos terrenos e a que oferece melhor urbanização, além de facilitar a expansão da vila; as primeiras sobre muito caras, apresentam inconvenientes de constrangimento da Escola por falta de espaço, o que

aconteceria com outra solução surgida na própria Rua Serpa Pinto, que acumulava demolição de prédios. Parece que já está assente definitivamente e superiormente a escolha da solução C e que se pode proceder aos estudos preparatórios e conducentes a habilitar-se a Câmara a adquirir os terrenos necessários para a construção da



Escola e para urbanização em seu torno. Estão previstos para a Escola dezoito mil metros quadrados de terreno, sendo de encargo da Câmara dois terços e do Estado o restante. A Junta de Construções para o Ensino Técnico e Secundário oferece-se para abonar a importância que competirá à Câmara, devendo o reembolso efectuar-se no prazo de trinta meses, o que é de aceitar nas condições precárias em que o município se debate pela falta de recursos financeiros que lhe permitam lançar-se em grandes empreendimentos. Proponho que, dentro do exposto, se iniciem os referidos estudos e trabalhos, para que no momento oportuno a Câmara disponha da área de terreno preciso. Foi aprovado por unanimidade.” (Acta da Reunião de Câmara de 11 de Setembro de 1957 Livro de Actas número 29)

O anteprojecto do novo edifício da Escola Técnica, assim como os officios da Junta das Construções para o Ensino Técnico e Liceal, foi apresentado, em sessão de Câmara, a 24 de junho de 1958. A Câmara concordou e pediu “que se imprima a elaboração do projecto definitivo ritmo acelerado” para que, ainda nesse ano se pudessem iniciar as obras.

Em reunião de quatro de Novembro de 1958, a Câmara deliberou “pedir a isenção da sisa para aquisição de terrenos destinados à nova Escola Técnica desta vila e aos arruamentos e ajardinamento da sua zona circundante e da que a ligará com o liceu”. (Acta da Reunião de Câmara de 4 de novembro de 1958 - Livro de actas nº 30)

O Presidente da Câmara estabeleceu contacto com os diferentes proprietários dos terrenos localizados onde se iria abrir os arruamentos e a avenida projectada até ao mar

e paralela à Rua Serpa Pinto, construir o edifício escolar e o jardim fronteiriço à estrada nacional para adquirir os respectivos prédios.

A construção da obra prolongou-se por dois anos. Iniciou-se a 12 de fevereiro de 1960 e ficou concluída a 23 de Fevereiro de 1962. Esta construção teve um custo total de 11.500 contos e ocupava uma área de 21.800m², sendo 5.050m² cobertos. Foi construída ao abrigo dos Planos de Fomento. Os cursos a ministrar no novo estabelecimento seriam: Ciclo Preparatório e de Formação – electromecânico, formação feminina e geral de comércio. A Escola previa uma população escolar de 1000 alunos.

A conclusão da obra deu-se a 23 de Fevereiro, mas só em junho se procedeu à sua inauguração. Foi no dia 2 de junho de 1962 que a Escola foi inaugurada oficialmente.

“Uma grande parte da população poveira veio à rua no último sábado para homenagear os srs. Ministros das Obras Públicas e Educação Nacional que visitavam oficialmente a Póvoa, a fim de presidirem à inauguração do novo edifício da Escola Industrial e Comercial.

Eram aguardados no lugar de Soutelo pelas autoridades locais e outras individualidades que ali se deslocaram e que os acompanharam até à Póvoa numa grande caravana de automóveis, fazendo o percurso pelo bairro sul a fim de admirarem o novo bairro piscatório inaugurado no ano último, passando depois em frente à enseada onde se encontravam fundeadas algumas dezenas de motoras poveiras.

Os ministros vieram depois para o largo do Dr. David Alves onde os esperava uma recepção popular, seguindo a pé em cortejo pela rua 5 d’Outubro que ostentava muitas colchas (...)

Seguidamente teve lugar uma sessão de boas vindas no



salão nobre do Município presidida pelo ministro das Obras Públicas, ladeado pelo ministro da Educação Nacional, governador civil do distrito, presidente da Câmara e presidente da comissão concelhia da U.N.” (...)

Finda a sessão, os ministros, comitiva e autoridades locais dirigiram-se para a nova Escola que tem capacidade para 1.000 alunos e cujo custo orçou por 11.500 contos. Foram recebidos pelos srs. dr. Carlos Proença e dr. José de Sá, respectivamente director geral do Ensino Técnico e director da Escola, além de muitas individualidades, corpo docente, etc. Os ministros percorreram as suas instalações que os deixou belamente impressionados e monsenhor António Cândido Quesado benzeu o edifício tendo o coro feminino da Escola cantado o Hino Nacional. (O Comércio da Póvoa de Varzim, 9 de Junho de 1962)

Apesar da inauguração oficial da Escola tenha acontecido a 2 de junho, só a 16 de junho, sábado, último dia de aulas, à noite, é que os alunos ocuparam a nova Escola.

“Uma comissão de antigos alunos da Escola Comercial e Industrial Rocha Peixoto, desta vila, ao ter conhecimento de que no próximo dia 16 do corrente (sábado) se vai fazer um cortejo por volta das 22 horas da Sineta existente na actual Escola até ao edifício da nova Escola Técnica, por se lembrar que foi esta mesma sineta que tantas vezes lhes fez suores frios e outras uma alegria sem par, vem junto dos seus colegas e de todos os alunos em geral da mesma Escola, dirigir-lhes um convite muito especial no sentido de ser todos incorporados no referido cortejo.” (jornal Ala-Arriba).

“Às 10h da noite de hoje, após a última aula dada no edifício da Escola Industrial e Comercial, o novo, embora inaugurado oficialmente em 2 do corrente mês, só depois de amanhã entrará praticamente em funcionamento, por iniciativa dos antigos alunos, a que se associam os actuais, a velha sineta, que, desde a criação da Escola, chamou os alunos para as aulas e os exames, será conduzida de um para outro edifício, do extremo sul para o extremo norte da vila, num cortejo abrilhantado por arcos e balões e ao som de uma marcha composta para o efeito pelo professor António Marta.

A “cabra”, que, por acaso, rachou há dias, com os seus 40 e tantos anos de serviço, atingiu o limite da idade e ficará aposentada no museu da nova Escola, cedendo lugar à campainha eléctrica, razão por que se cantará em coro:

**“A sineta, a sineta
de velhinha, já rachou.
Ó sineta, ó sineta,
para ti tudo acabou.
Tlão, tlão, tlão
foi o toque da tradição.
Trrim, trrim, trrim
mas agora toca assim.”**

(jornal Ala-Arriba).

A primeira atividade do corpo docente, na nova Escola, aconteceu no dia 18 de Junho, segunda-feira, com a Reunião de Notas.

JP



Hino da Sineta

I
Velha Sineta da Escola
Com tantos anos passados
Tocando a entrar e a sair
Fomos por ti comandados

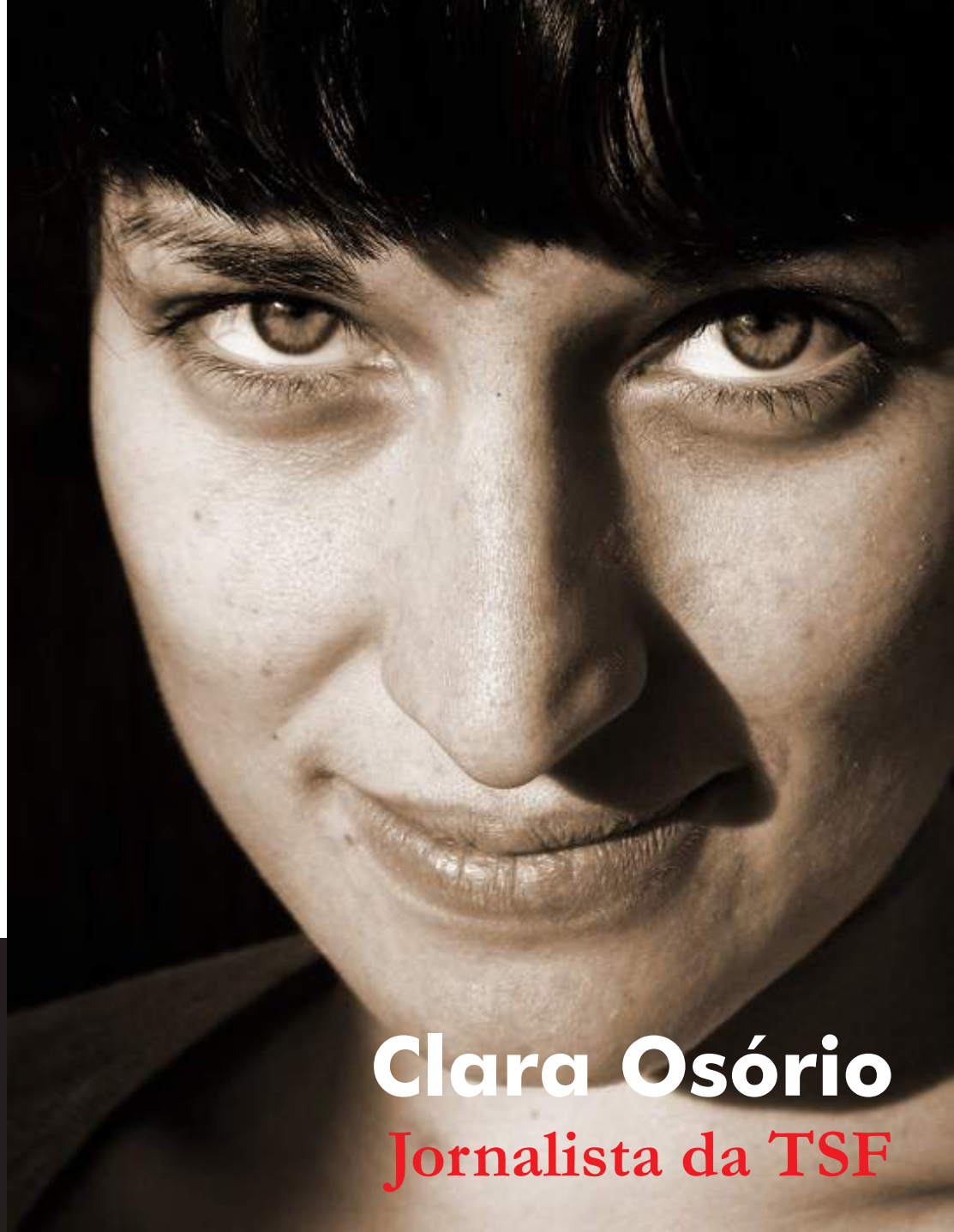
Refrão

A Sineta, a Sineta
De velhinha já rachou
Ó Sineta, ó Sineta
Para ti tudo acabou

Dlão, dlão, dlão
Era o toque da tradição
Dlim, dlim, dlim
Mas agora toca assim trrim, trrim...

II
Será sempre uma lembrança
Do tempo da mocidade
Vai contigo a nossa esperança
Fica conosco a saudade.

III
Ó Sineta vais partir
Terminou a tua vida
Vamos deixar de te ouvir
Tua missão está cumprida.



Clara Osório

Jornalista da TSF

Lembro-me...

Porque a medida das décadas dá sempre uma certa solenidade às memórias - foi há quase 10 anos.

Mais curtos eram o cabelo e as experiências, mas pensando bem há coisas que nunca mudam.

Lembro-me de ter escolhido a escola por imitação... Morava mesmo em frente à Eça de

Queirós, mas era da Rocha que chegavam lá a casa as histórias de um secundário recheado da minha irmã mais velha. Imitação bem feita, percebi depois.

Logo desde o início, já sabia que o percurso, a pé, levaria 10 minutos. Mas uma vez ou outra (mais do que devia) o pequeno-almoço durava um bocadinho mais, havia mais conversa pelo caminho ou simplesmente os ponteiros do relógio passavam rápido demais para o ritmo da manhã e chegava já depois do segundo toque à primeira aula. Lembro-me que era

quase sempre português e que (na altura pensava que por não saber, mas agora desconfio que era numa ironia simpática) a professora, no seu sotaque do Brasil, dizia sempre "pois é, a Clara depende do autocarro..." e a aula lá seguia.

Mais engraçados ainda ficaram esses atrasos quando na entrada passou a ser obrigatório passar um cartão magnético. Ora, para completar o avançado da hora, muitas vezes também o próprio cartão ficava esquecido em casa. A solução (que também na altura parecia perfeita) era fazer um som de "Piiii" disfarçadamente e entrar como se de facto a máquina tivesse registado. Lembro-me que lá ia resultando porque os funcionários que se revezavam no portão sabiam que os meus atrasos eram cíclicos, no fundo, achavam piada à minha figura.

Pensando bem o que mais me marcou na escola foram sem sombra de dúvida as pessoas. É com carinho que recorro uma mistura de simpatia com exigência, dos professores, dos funcionários. Lembro-me de



adorar percorrer os corredores e espreitar pelo vidro de cada sala. Era tão bom e tão natural o ambiente da minha escola...

Lembro-me de ter tido pena de não aproveitar mais a piscina e as novidades que começavam a aparecer quando estava mesmo a acabar o 12º ano.

Tenho saudades das aulas de alemão ou das brincadeiras dos professores de educação física com a turma que era de "humanidades" e não tinha lá muito jeito para lidar com bolas ou correrias, dos intervalos, das festas da escola e do nervoso miudinho nos dias de

teste.

E sempre que passo à porta da escola, que agora é nova, tem uma cor diferente e até uma entrada que no meu tempo não se usava, apetece-me entrar para recordar os cheiros, voltar a sentar-me naquelas salas tipo anfiteatro com filas de cadeiras e mesas de madeira escura e redescobrir os cantos de uma escola que há de ser sempre a minha.

(E sim, confesso, adorava voltar a ver o menu do bar para saber se ainda se comem os pães com rissol que tanto estranhei ao início para depois apreciar.)

Clara Osório



Susana Lino

É com muito prazer - e também muita nostalgia à mistura - que relembro o tempo passado na Escola Rocha Peixoto. Muitas memórias, colegas nunca esquecidos, momentos únicos, amizades imortais e inúmeros ensinamentos que permanecem presentes ao longo do tempo. Já lá vão uns bons anos desde o meu 9º ano... quase me perco a contá-los! Onze anos e a impressão é que foi só "no outro dia".

Frequentei a Rocha apenas durante um ano lectivo como estudante. Contudo, as actividades extra-curriculares nesta escola mantiveram-me lá visitante assídua. Chegado o 8º ano, no Ciclo (como todos chamavam à escola Flávio Gonçalves na altura), à minha volta, tudo parecia ter estagnado e os treze anos pediam mais aventura. Mudar de escola, conhecer novos colegas e estar mais perto do ambiente do secundário eram ideias que me enchiam de motivação e me faziam querer mais e mais. Queria começar logo a aprender sobre o que me esperava nos grandes anos do 10º ao 12º e no caminho que me levaria ao ensino superior, ao qual eu tanto aspirava.

Foi talvez nesta altura que me fui apercebendo que nem tudo é tão fácil como nós tantas vezes orquestramos nos nossos sonhos. Mudar de escola não era algo que se pudesse fazer sem mais nem menos e a burocracia envolvida parecia-me "conversa da treta dos adultos", coisa que eu estava certa de nunca entender - ou querer entender. Lá fui, eu e mãe ao lado sempre a apoiá-rem, apresentar os meus motivos e os meus desejos ao

presidente do conselho executivo. Primeira resposta: fora de questão. Segunda resposta: não pode ser. Terceira, quarta, quinta respostas: é muito difícil, não aconselhamos, por isto e por aquilo... Até que com o apoio do professor Cadilhe acompanhado de muita perseverança consegui a mudança.

Com esta oportunidade de embarcar na escola dos grandes (o pessoal do secundário parece sempre tão mais velho e mais maduro, não parece?), fiquei na turma 9º D, uma turma de personagens e momentos inesquecíveis: eram tantas as rebeldias naquela turma! Algumas caras conhecidas, mas em geral, um acumulado de miúdos que não se conheciam de lado nenhum, vindos de várias outras escolas e regiões da zona. Foi um "começar de novo", aquela fase de adaptação por que todos já passámos numa ou outra altura. A verdade é que estes momentos iniciais, embaraçosos e estranhos de conhecer pessoas novas e entender os lugares desconhecidos, são uma das melhores experiências de vida. A partir daí, o nervosinho das situações novas começa a ser mais fácil de controlar (aos poucos, bem devagarinho).

A Escola Rocha Peixoto tinha a reputação de ser bastante rigorosa a vários níveis: não se podia entrar ou sair sem autorização, nos intervalos, não se podia ficar nos corredores e dizia-se que os professores não gostavam de dar boas notas. Contudo, depois de lá estar, a realidade mostrou-se completamente diferente e o que eu encontrei foi uma escola onde se

ensina o respeito, a necessidade dos limites e o conceito de comunidade, dedicada à integridade da instituição "escola" e dos seus próprios alunos. Além disso, encontrei nela uma escola super divertida onde se organizavam atividades para todos os gostos, do desporto às artes.

A minha paixão pela música atraiu-me ao coro na escola. As tentativas animadas de recrutamento por parte da professora Eduarda Oliveira eram persuasivas e lá fui eu ao primeiro ensaio. "Que maravilha", pensei eu antes de abrir a porta, "um ótimo passatempo para conhecer mais colegas!" Pois sim... o coro era constituído apenas por professores e funcionários. "Hmm, será que estou na sala certa e não interrompi nenhuma reunião?", questionei eu os meus botões. E foi mais ou menos assim que me tornei a única aluna por algum tempo num grupo musical que viria a ter imenso impacto na minha vida. No início, não nego, senti um certo receio. Única aluna, ia de certeza ouvir algumas bocas dos mais rebeldes. Não tive medo, porém. Porque o medo fragiliza-nos e quando o confrontamos, ficamos mais fortes, tornamo-nos melhores.

Ali entre sopranos e contraltos, ao lado da D^a Dulce, entre vocalizos, notas altas às vezes tão fora de tom, partituras, bolos de aniversário quando alguém fazia anos..., entre as 18h30 e as 19h30, a praça inteira sabia que o coro da Rocha estava a ensaiar na biblioteca para mais alguma atuação. Cantigas populares e peças estrangeiras, o repertório era do mais variado e divertido.

Neste mesmo ano, graças à iniciativa do professor Jorge Curto, formou-se um núcleo de teatro também em âmbito extra-curricular. Uma vez mais, o gosto pelas artes levou-me à primeira sessão, onde encontrei um pequeno grupo de colegas de várias outras turmas e anos diferentes. Os laços que se criaram a partir daí são indescritíveis: formámos os "Devisa" e fomos à descoberta das nossas habilidades dramáticas. Junto da Rute, da Eduarda, da Gui, do Sérgio, do Valter e vários outros pequenos atores, experimentei e explorei o meu lado artístico em momentos que serão para sempre parte de quem sou. A nossa maior peça naquele ano, "Está aí alguém", foi um marco no caminho do grupo inteiro, pelas vivências que partilhámos juntos ao aprender as capacidades e os talentos que todos temos cá dentro e não devemos desperdiçar.

Foi com o coro e com o teatro que passei a ir aos intercâmbios entre a Rocha e outras escolas, alturas onde nasceu uma amizade daquelas que ficam para sempre, venha o que vier. E foram estas experiências que me prenderam a uma comunidade escolar tão rica até ir para a universidade.

Durante o meu 9º ano, as expectativas eram enormes e a vontade de aprender imensa. Já estava bem ciente de que as matemáticas e os desenhos não eram para mim. A geografia com a professora Rosa Jorge (a nossa directora de turma a quem dávamos tantas dores de cabeça) era uma das minhas aulas favoritas. Por outro lado, por muito que o professor "Faísca" me cantasse "Oh Susy, oh honey honey" nas aulas de EVT, os Lusíadas, a gramática inglesa e o sotaque tão romântico do francês cativavam a minha atenção quase que por completo. Portanto, pus-me logo a imaginar como seriam as aulas de Latim que me esperavam e aprender as origens da forma como nos temos vindo a comunicar ao longo dos séculos. A minha curiosidade queimava à flor da pele e a vontade certa e segura de querer estudar línguas orientava as minhas perspetivas de futuro.

Porém, o percurso tão bem imaginado na minha mente estava prestes a dar uma volta noutra direcção. A Rocha decididamente não ia ter alunos suficientes para dar aulas de Latim e o meu coração despedaçou-se perante a realidade que a professora Odete Marcelino me relatava. Portanto, lá estava eu de novo num cruzamento de possibilidades e foi assim, tão rápida e inesperadamente, que me deparei de novo com a necessidade de lutar pelos meus objetivos e deixar para trás a facilidade do conforto.

Apesar de levar "malas e bagagens" para o secundário na Eça de Queirós, as amigas cozinhadas na Rocha e todos os ensinamentos que de lá trouxe foram um alicerce que me deu asas para continuar voar sempre cada vez

mais alto. Continuei a ir aos ensaios do coro, a participar nas actuações e a viajar até a Chaves, ao Fundão e a Nelas nos intercâmbios onde tinha a possibilidade de manter o contacto com os amigos, professores e funcionários.

Foram estes momentos, estas aventuras (de cuja importância na altura nem me apercebia) que moldaram muito daquilo que sou e conquistei até hoje. Os conselhos de tantos professores e funcionários que sempre me trataram com o respeito de um adulto, a importância de entender o conceito de "regras" e a amabilidade oferecida de braços abertos, acompanham-me de braço dado nas minhas viagens.

No final do secundário, mudei-me para Braga e tirei a licenciatura em Línguas Estrangeiras Aplicadas. Vinha a casa aos fins-de-semana depois de semanas intensas de praxe e jantares de curso e cheia de coisas novas para contar. O bichinho de querer descobrir mais do mundo e saber o que há além fronteiras (apimentado com muita motivação e apoio dos meus pais), levou-me à candidatura ao programa Erasmus. No segundo ano de universidade, lá estava eu com mais malas e mais bagagens, desta vez bem mais pesadas, a partir para mais uma nova escola. Estudei Neerlandês e Húngaro, além do Alemão e do sempre presente Inglês. Aquela necessidade de me comunicar com toda a gente, a convicção utópica de que um dia havemos de terminar a torre de Babel.

Fiz amigos de todo o lado: Finlândia, Alemanha, Espanha, Hungria, Rússia, Islândia, República Checa, Reino Unido... Todos com algo para partilhar, ideias distintas e visões únicas do mundo onde nos puseram. Discutíamos qualquer tópico - os tabus tinham ficado em casa - e a energia dos 18 aos 20 e tal anos que rodeava este grupo levava-nos a explorar tudo quanto possível.

Na Bélgica, apaixonei-me, e uma vez mais aquele cruzamento que me apareceu antes e depois de ir para a Rocha voltou a dar ares de si. Eu de Portugal, ele antípoda. "O que fazer?", pensei eu. Nunca foi tão importante lembrar-me dos valores e princípios incentivados naquela escola, pelo que a importância do equilíbrio entre o emocional e o racional se fez notar.

Voltei para Portugal e preparei-me para o estágio, onde tive a oportunidade de trabalhar como tradutora freelance para empresas como a Volkswagen, a BMW e a Thyssenkrup, entre muitas outras.

Hoje, terminada a licenciatura, vivo em Sidney, na Austrália. Mudei-me para este país há três anos e no meu primeiro dia, exausta devido à viagem de 30 horas mas ao mesmo tempo hiperactiva pelo entusiasmo, tive uma entrevista de emprego para o Consulado de Portugal. À primeira, fui aceite para a posição e comecei na semana a seguir a trabalhar como funcionária administrativa e assistente do Cônsul. Neste emprego, pude aplicar constantemente vários dos meus conhecimentos de tradução e interpretação, além de ter aprendido imensas coisas em outras áreas como a diplomacia, leis da imigração e o registo civil por exemplo.

Há dois anos atrás, apareceu uma nova oportunidade de emprego e decidi aventurar-me uma vez mais. Um pouco mais na minha área das minhas competências universitárias, juntei-me a uma grande empresa para formar uma equipa de apoio ao cliente para os mercados português e brasileiro na sede de Sidney. Neste momento desempenho funções de mentora de novos colegas e de ponto de contacto na gestão do trabalho e performance da equipa. Além destas tarefas, a assistência a clientes e a preparação de informação sobre eventos regionais, envolvendo acima de tudo a tradução de material entre Português e Inglês, consistem o meu dia-a-dia. O ambiente multi-cultural do escritório, a variedade de tarefas e a constante inovação presentes no meu dia-a-dia dão-me imenso prazer e motivação.

Quando voltar a casa, irei com certeza visitar a querida Escola Rocha Peixoto, onde sei que encontrarei muitas caras novas mas sempre um lugar acolhedor que se preza em oferecer o melhor que tem e em ajudar todos os seus alunos a desenvolver o melhor que estes podem vir a dar.

Susana Lino

“Exercerei a minha arte com consciência e dignidade.”

Sofia Manuel Nunes Coutinho, 24 anos, natural do Porto e residente na Póvoa de Varzim há 23 anos. Assim sendo, considero-me poveira de coração. Sou recém-formada pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

O primeiro passo do meu percurso académico, que agora terminou, foi em 1993, quando, com 5 anos, entrei na Escola do Desterro. Em todas as famílias, este momento é aguardado com muita expectativa e até alguma insegurança, surgindo questões como: “Conseguirá o meu filho(a) cumprir as exigências que irão surgir? Como será o seu desempenho escolar? Irá ter sucesso?”

Enfim, é um desafio que por vezes se torna complicado, mas acho que me adaptei rapidamente e, como ainda hoje a minha mãe diz, “Nunca precisei de te mandar fazer os trabalhos de casa”! E tudo começou aqui, nesses primeiros passos carregados de incerteza, mas também de muita força de vontade. Os primeiros anos de formação são, sem dúvida, muito importantes e só olhando para trás é que percebemos como são cruciais.

Mais tarde, entre 1997 e 2002, frequentei a Escola EB 2/3 Dr. Flávio Gonçalves e as minhas notas sempre corresponderam às expectativas. Confesso, no entanto, que ainda não pensava muito no futuro, dado que era jovem e havia muito tempo pela frente. Até que chegou a altura de fazer opções e escolher a área de formação que mais se



adaptava à minha maneira de ser e às minhas expectativas relativamente ao futuro. Por não me identificar com qualquer outra área, não hesitei em ingressar no curso Científico-Natural (atualmente, Ciências e Tecnologias) e assim surgiu a Escola Rocha Peixoto na minha vida.

Esta foi a escola que me acolheu numa fase de muitas mudanças a vários níveis, numa fase de crescimento em que a responsabilidade aumenta e as classificações começam a pesar para as decisões futuras. Nesta escola, desenvolvi competências essenciais e laços de amizade que irão perdurar para sempre. Recordo com muito carinho esta etapa da minha vida e, ainda hoje, mantenho contacto com professores, funcionários e colegas de turma. Todos, sem excepção, foram essenciais no meu percurso.

Contado assim, até parece que tudo foi fácil, mas atingir



os nossos objectivos, implica ultrapassar dificuldades que surgem no caminho e isso só é possível com trabalho e dedicação.

No fim do ensino secundário, é geral o entusiasmo que envolve o ingresso na faculdade, mas a mudança é enorme e a preparação dos anos anteriores é essencial para facilitar o percurso académico.

Em 2005, entrei em Medicina, na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Ouvira sempre dizer que o difícil era entrar, mas não é bem assim... Também esta fase exige muito esforço, que é recompensado quando



Sofia Coutinho

Médica

estamos a fazer aquilo que realmente gostamos. Terminei o curso em julho de 2011 e iniciei em janeiro de 2012 a minha actividade profissional: sou Interna do Ano Comum na Unidade de Saúde Local do Alto Minho (ULSAM), e, agora sim, tenho a certeza que acertei em todas as minhas escolhas. No entanto, e com a conjuntura do nosso país, sei que ainda terei muitos obstáculos a ultrapassar e muitas lutas para vencer.

Para terminar, queria agradecer a honra deste convite e a possibilidade de partilhar um pouco do meu percurso.

Quero, naturalmente, deixar uma saudação muito especial

aos meus professores e desejar muita força e coragem a todos os alunos que, neste momento, estão a planear o futuro e, talvez como eu há alguns anos, possam estar a ser confrontados com dúvidas e incertezas. Sigam em frente! Trabalhem pelos vossos objectivos! Aproveitem as “armas” que esta escola vos dá!

Deixo-vos, pois, uma frase que deve reger o percurso de todos nós:

“Exercerei a minha arte com consciência e dignidade.” (In Juramento de Hipócrates)

Sofia Coutinho



Fábio Cruz

Engenheiro

Com vontade e trabalho tudo está ao nosso alcance.

Olá, caros alunos, docentes, funcionários e todos os restantes responsáveis pelo ótimo funcionamento da Escola Secundária de Rocha Peixoto. O meu nome é Fábio Lima Terroso da Silva Cruz e sou um antigo aluno desta magnífica escola. Ingressei, na mesma, no ano de 2003, ano em que foi reaberto o 8º e 9º ano de escolaridade na ESRP. Inicialmente, a ideia de mudar de instituição de ensino foi recebida, pela minha parte, com um certo receio, dado que teria de deixar para trás todas as amizades e professores que tinha conhecido até ao momento. Este “receio” alterou-se totalmente assim que o ano letivo começou. A turma era constituída por colegas já meus conhecidos. Fomos recebidos de forma muito calorosa tendo todos os medos ficado à porta da escola.

O ingresso na ESRP tornou-me uma pessoa mais madura, isto é, o convívio com colegas mais “velhos” permitiu-me pensar de outra forma, ter outros conhecimentos. Quanto aos professores, muito lhes tenho a agradecer por todos os ensinamentos, por todos os “raspanetes”, por todas as explicações e comemorações que me levam a ter orgulho no ser humano que me tornei e na educação que carregou. Foram 5 anos repletos de alegria, partilha e muita vontade de crescer.

Neste momento, encontro-me no 3º ano do Ensino Superior com a expectativa de finalizar no presente ano lectivo a licenciatura em Engenharia de Sistemas das Energias Renováveis, na Escola Superior

de Tecnologia e Gestão de Viana do Castelo.

Visto que a grande maioria dos leitores desta fabulosa revista desconhece a minha existência, explico brevemente a minha opção em ter rumado a este curso. Desde que o meu cérebro começou a formar ideias acerca do mundo do trabalho, o meu grande sonho era Arquitectura, isto é, algo relacionado com a criação de edifícios, infra-estruturas, decoração, porém, com o meu crescimento a nível intelectual, comeci a perceber que o meu “destino” estava certamente mais relacionado com a Engenharia. Foi então, no 12º ano de escolaridade, na disciplina de Área de Projecto, leccionada pela professora Graça Macieira, que encontrei a minha verdadeira vocação. Como projeto para esta disciplina, o meu grupo decidiu construir uma maqueta de uma cidade sustentável, a que nós chamamos de “ECOCIDADE”. Deste projecto, surgiu o meu interesse pelas energias renováveis, o interesse por encontrar alternativas de criar energia por métodos mais limpos e sustentáveis, dando uso ao que temos ao nosso dispor de forma gratuita e renovável. Para continuação dos meus estudos, procurei algo relacionado com as energias renováveis e, para minha surpresa, descobri que já havia licenciaturas no ramo da engenharia das energias renováveis no nosso país. Concorri e desde então estou super contente com a decisão que tomei.

Antes de vos falar acerca da realidade que é as Energias Renováveis, gostaria de deixar uma mensagem pessoal a todos os alunos da ESRP: Nunca desistam de aprender, de aprofundar os vossos conhecimentos, de se aperfeiçoarem. Lutem pelo vosso futuro, sejam

empreendedores e criem oportunidades que vos realizem. O nosso país, mais do que nunca, necessita de jovens com vontade de vencer e que criem oportunidades de emprego. Por muito que não tenhas vontade de estudar, pensa que todos nós temos capacidades acima daquelas que imaginamos, só temos de as procurar e, guiados pelo desejo de ser alguém, acreditar que a tal falta de vontade para estudar é algo relativo. Com organização, temos tempo para tudo, para sair à noite, estar com os amigos, fazer desporto, descansar, estar nas redes sociais, mas também para estudar.

Com vontade e trabalho tudo está ao nosso alcance.

Um episódio que não posso esquecer de vos revelar foi o de uma aula, com a professora Graça Macieira, em que a mesma nos mostrou uma das edições desta revista. Na altura, estávamos na sala de aula reunidos por grupos, quando a revista chegou ao meu grupo. Todos os elementos juraram que um dia seríamos nós a deixar o nosso depoimento para a revista da nossa escola, com todo o orgulho. Esta é a minha vez de contar a minha pequena história, porém vou aguardar pelo depoimento destes que são nos dias de hoje os meus melhores amigos, com quem discuto acerca do nosso futuro e com quem relembro o nosso passado.

2012 é o Ano Internacional da Energia Sustentável para Todos e jamais poderia deixar de vos informar acerca de um tema que, cada vez mais, faz parte do futuro da humanidade. Para quem desconhece, é alarmante o número de pessoas no mundo que, nos dias de hoje, não possui acesso a electricidade (1 em cada 5 habitantes), tal como o número de pessoas que dependem da queima de madeira, restos de animais e carvão para uso próprio (3 biliões). Enquanto esta fatia da população vive este drama, os que são designados por países industrializados não encontram soluções para os elevados desperdícios de que todos nós somos responsáveis.

Para enfrentar todos estes problemas que fazem parte da nossa realidade, a ONU (Organização das Nações Unidas) proclamou, então, que este ano seria o “Ano da Energia Sustentável Para Todos”. Com isto, esta organização pretende que todos os habitantes do planeta possuam energia acessível, limpa e mais eficiente.

Os nossos governantes têm de se mentalizar que o nosso futuro passa por encontrarmos outras formas de gerar energia, temos de deixar de lado questões políticas e pensar mais nas gerações vindouras. Com as atitudes que eles tomam, que meramente servem para atingir os seus objetivos, encaminham o nosso planeta para o abismo. Enquanto o mercado petrolífero, do carvão e outros combustíveis fósseis for a solução mais preferida destes senhores, as energias provenientes do sol, do vento e dos marés não conseguirão assumir o papel importante que lhes deve ser atribuído.

Como ser humano que luta pelos interesses ambientais, estou convicto que as energias limpas a par da eficiência energética têm, mais do que nunca, que vingar para caminharmos rumo a um mundo que um dia consiga depender, unicamente, de recursos que nos são disponibilizados pela natureza. Porém, o que se constata é que quando é dado um passo em frente no sentido de uma menor dependência dos combustíveis fósseis, decisões governamentais encarregam-se de atrasar esforços feitos em vista a implementação das energias renováveis. Todos nós temos de nos consciencializar que é necessário lutarmos por estas tecnologias de futuro, tendo que, para tal, procurar soluções de forma arbitrária. Estas soluções, de que falo, já existem no mercado, com uma eficiência cada vez melhor e com preços cada vez mais apelativos.

Muitos de nós olhamos para um investimento deste tipo de geração de energia como um investimento que não vai ter retorno, mas isso

não passa de um erro, está mais do que comprovado que se for feito um correto dimensionamento, o investimento trará vantagens tanto energéticas, ambientais como económicas.

Tem de ficar claro que o grande objectivo das energias renováveis não passa por eliminar de forma imediata o consumo dos combustíveis fósseis, mas sim reduzir aos poucos e poucos o uso destas, aumentando, por sua vez, o uso das fontes limpas. Para tal, a ONU criou um programa, em parceria com os Governos Mundiais, ONG's e privados, com 3 principais objectivos:

- Assegurar que todos tenham acesso aos serviços de energia modernos;
- Reduzir em 40% a intensidade energética global;
- Aumentar em 30% o uso de energias renováveis em todo o mundo.

Como mensagem final, não só aos educandos, mas a todos os



leitores, promovam de acordo com as vossas possibilidades o uso de energia limpa, sustentável e eficiente para que seja possível mantermos viva a existência do nosso planeta por muitos e longos anos, travando assim a exploração de recursos naturais, a poluição e a devastação ambiental que tem comprometido a capacidade de regeneração do planeta, provocando a extinção de inúmeras espécies animais e vegetais.

Não poderia deixar de agradecer o convite realizado pela professora Graça Macieira para deixar o meu depoimento acerca da importância das Energias Renováveis.

Fábio Cruz



A minha experiência enquanto aluna da Escola Secundária Rocha Peixoto no Curso Científico-Humanísticos

Chamo-me Eliana Raquel da Silva Machado e sou aluna da Escola Secundária Rocha Peixoto. Ando no curso de Línguas e Humanidades, no 10º ano.

Vou falar da minha experiência enquanto aluna da Escola Rocha Peixoto.

A princípio, estava indecisa, não sabia se devia optar por esta escola, mas como me falaram muito bem da Rocha e também como ela oferecia várias opções de cursos, de atividades e oportunidades, tomei a decisão de vir para cá. Ainda bem que o fiz.

Esta escola, como já referi, tem vários cursos, pelos quais os alunos podem optar e, além disso, tem excelentes condições.

É uma escola muito segura, pois nela não entra qualquer pessoa, tem sempre alguém a vigiar a entrada e é sempre exigida a identificação a qualquer pessoa.

Para além das suas excelentes condições, a escola tem professores muito bons e com muitas competências para ensinar.

Os funcionários também são muito competentes e estão sempre prontos para ajudar os alunos naquilo que precisam.

Esta escola está sempre limpa e tem uma piscina com muito boas condições.

A comida da cantina é boa e muito variada. A biblioteca da escola é muito grande e tem uma zona própria para os alunos estudarem.

No geral, estou muito satisfeita com a minha turma, gosto de quase todos os meus colegas e estou segura de que optei pelo curso certo, na escola certa.

*Eliana Raquel da Silva Machado
aluna do 10º ano de Línguas e Humanidades*

Porquê a ROCHA?

Terão os Deuses do Olimpo influenciado a minha decisão? Terão sido feiticeiros poderosos, com os seus “abracadabras”? Ou, por ventura, os espíritos ancestrais das montanhas?

Atrevo-me a afastar todos esses seres místicos, e concluir que a minha decisão de ingressar na Escola Secundária de Rocha Peixoto se deve à atmosfera encantadora que esta detém.

Para além de possuir um conjunto de instalações cómodas e apelativas, assumo que o que mais me cativou foram os olhares orgulhosos e o entusiasmo com que, as pessoas que aqui estudavam, me descreviam esta escola.

A poção mágica para tal satisfação? Vejo-a como fruto do rigor e alegria que a escola coloca em cada projeto, tornando-a uma escola dinâmica, cheia de atividades interessantes, onde acredito que realmente podemos adquirir maior conhecimento para o nosso futuro e ao mesmo tempo desenvolvermo-nos como pessoas.

*Helena Vilas Boas de Miranda
aluna do 10º ano de Ciências e Tecnologias*

A minha experiência no Profissional

Chamo-me Paulo Araújo, tenho 18 anos, frequentei o Curso Profissional de Eletrotécnica, na Escola Secundária de Rocha Peixoto. Iniciei o Curso em 2008 e, passados 3 anos, finalizei a minha passagem pela escola. Acabei o Curso com média de 16 valores tendo este ano ingressado no Ensino Superior.

Este artigo foi elaborado com a finalidade de relatar a minha experiência no projeto BRIDGE que foi realizado em parceria com uma escola Holandesa, mais precisamente de Bladel, Eindhoven. O objetivo deste projeto era conhecer e relacionarmos com pessoas de uma cultura completamente diferente da nossa e mentalidades que em Portugal seriam impensáveis, como, por exemplo, todos os adolescentes irem de bicicleta para escola e os alunos serem responsáveis por esta.

A seleção dos alunos para este projeto foi muito simples! Foram escolhidos os quatro melhores alunos da maioria dos cursos do ensino profissional do 11º ano, mas, no entanto, existia um “senão”, para poder entrar no projecto, estes alunos teriam que receber um jovem, completamente desconhecido, em suas casas, como se fosse um familiar. Muitas famílias não aceitaram o desafio, algumas por não ter condições, outras por receio, isto fez com que fossem escolhidos outros alunos que aceitassem estas condições.

Eu aceitei esta aventura e tenho desde já a dizer que foi uma experiência inesquecível! O desafio começou por termos de aprender a língua que os nossos colegas falavam, o holandês. No entanto, a verdadeira experiência começou em Maio de 2010, quando os colegas holandeses se deslocaram até cá para conhecer o nosso país. Fizemos várias visitas pela zona norte, como, por exemplo, Gerês, Braga e Porto, que anteriormente teriam sido realizadas por nós (portugueses).

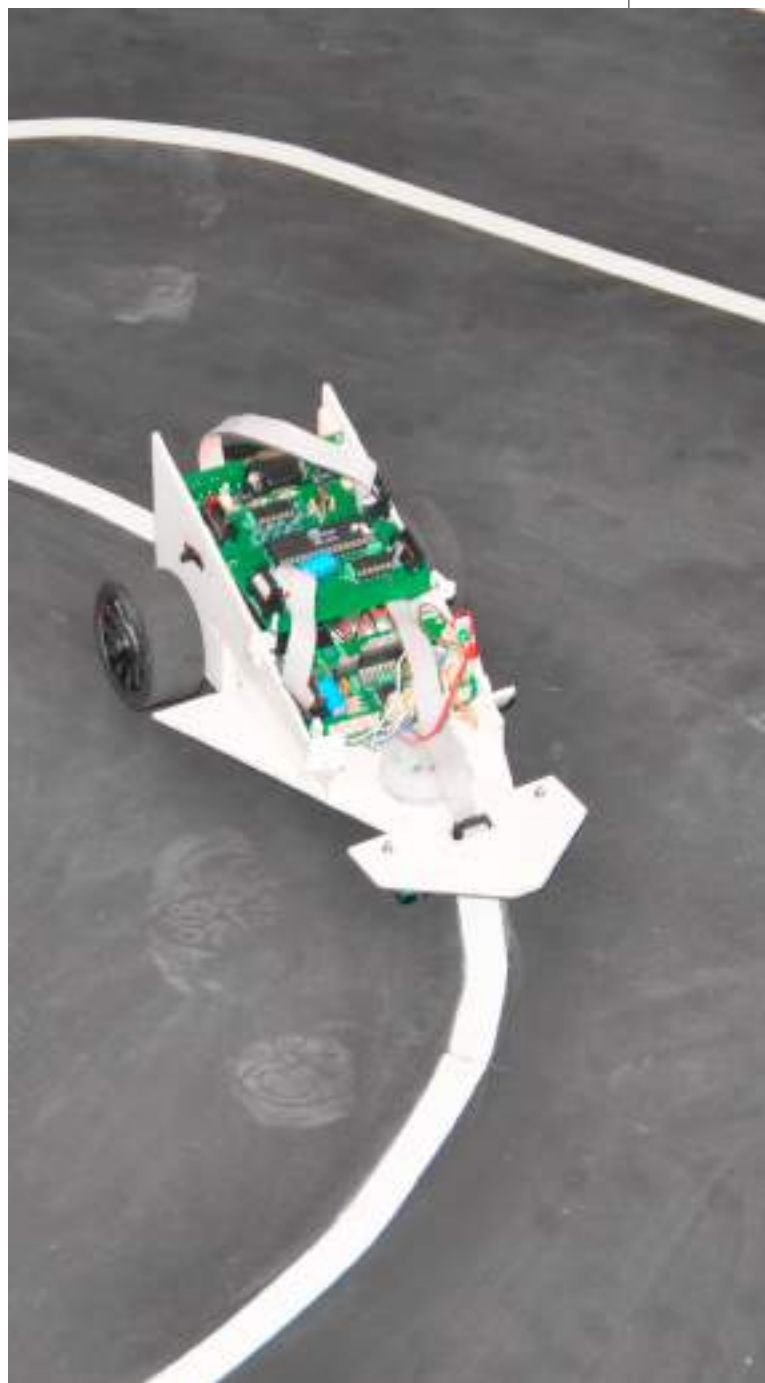
Nos dez dias que eles passaram cá, criaram-se grandes amizades, não só entre os alunos portugueses, mas também com o grupo de holandeses, ao ponto de, quando chegou a altura dos nossos colegas irem embora, a despedida já ser complicada.

A experiência continuou em outubro deste mesmo ano, quando chegou a data tão esperada por nós, com a ida à Holanda! Além da ansiedade também levávamos algum receio, pois em apenas duas horas de viagem daríamos um salto para o desconhecido.

O nosso pensamento era apenas um: “Será que me vou adaptar?” A grande preocupação era a comida, pois a gastronomia deles é muito diferente da nossa, mas em geral todos se adaptaram bem.

Naquele pequeno país, andamos sempre de bicicleta quer na ida para a escola quer em alguns passeios, houve dias em que percorremos cerca de 25km, o que para nós era muito, uma vez que não estávamos habituados. Ficamos surpreendidos ao ver como eles economizavam em algumas coisas, como por exemplo nos transportes, no entanto, apostavam na educação. As oficinas apresentavam equipamentos bastante avançados.

Este intercâmbio foi bastante enriquecedor a nível pessoal e a nível académico. Com esta experiência, conheci pessoas com uma cultura e pensamentos diferentes do



nosso país. Onde é que algum dia esperava encontrar uma escola com um curso profissional de “farmer”?

A nível pessoal, este desafio tornou-me mais comunicativo e deu-me a conhecer outra realidade do nosso país. A nível académico e profissional penso que me vai ajudar com as novas ideias e pensamentos que trouxe de lá.

Espero um dia voltar aquele país para recordar todos os bons momentos passados lá e, quem sabe, reencontrar as pessoas que lá conheci.

Paulo Araújo



"Há vida na BE!"

Armários imponentes com portas de rede, fechados, mobiliário escuro e um guardião que velava pelos tesouros aí guardados, de acesso restrito ao comum dos mortais. Este era um espaço quase sagrado, onde se sussurrava e andava em passinhos quase de lã, não fossem os rios, os mares, as montanhas, os reis, os heróis, os mendigos ou os apaixonados ganharem vida e libertarem-se das páginas escritas pelos seus criadores, ganhando asas e voando através da imaginação de quem as lê. No final do dia ficava o registo destes privilegiados que tinham escolhido permanecer na biblioteca da escola: 10 alunos e 3 professores!

Esta é, com certeza, a memória que lembramos da biblioteca das escolas que frequentamos, também semelhante à realidade da nossa escola até ao ano de 2005, ano em que a escola integrou o projeto de renovação das bibliotecas promovido pela Rede de Bibliotecas Escolares, cuja primeira condição era retirar as portas aos armários da biblioteca. Parece estranho, mas tratava-se de um novo conceito de biblioteca escolar.

2005 foi então o ano da mudança. O Diretor da Escola, professor Cadilhe, desafiou-nos, a mim e à professora Angelina Brandão, a concretizar a candidatura e abraçar este projeto. Quase literalmente deitamos mãos à obra, convidamos o professor Plácido Sousa e começamos um trabalho que não foi fácil, mas muito gratificante. Juntos escolhemos móveis, cores, tecidos, livros, filmes, equipamentos informáticos, programas de catalogação, enfim, um sem número de aspetos que culminaram com o aparecimento de um novo espaço na escola que desde logo foi bem aceite por toda a comunidade educativa.

A BE deixou de ser a sala cheia de armários fechados com tesouros intocáveis, ou só tocados por alguns, para ser um espaço agradável, aberto, bem decorado, onde os recursos em vários suportes estão disponíveis a todos. Este é um espaço

onde os alunos gostam de estar, onde têm condições para trabalhar (estudar, pesquisar, fazer um trabalho) ou apenas ler o Jornal (papel ou on-line), ouvir música, ver um filme ou ler. Os professores também encontram neste centro de recursos, apoio para otimizar e apoiar o desenvolvimento dos currículos. A BE apresenta-se assim como espaço privilegiado de conhecimento e aprendizagem, sendo um recurso fundamental no desenvolvimento das novas literacias, diversificando as fontes de informação que disponibiliza aos seus utilizadores.

No dia 18 de Maio de 2007, o primeiro ano em que comemoramos o Dia da Escola, foi inaugurada oficialmente a nova Biblioteca Escolar da Escola Secundária Rocha Peixoto.

Como diz o provérbio, "não há fome que não dê em fartura", em 2009, com o projeto de requalificação das escolas, estávamos a braços com nova mudança, embora não tão radical quanto a última. O conceito já estava implementado, tivemos apenas que nos adaptar a um espaço mais amplo e gerir um acervo maior, no que respeita a livros e equipamentos informáticos.

Melhores condições físicas e recursos, por si só, não fazem a diferença. Esta mudança implicou uma dinâmica de trabalho diferente, implementada pela equipa coordenadora, que fez da biblioteca um espaço de apoio ao currículo, promoção da leitura e da escrita, através de um vasto leque de atividades: encontros com escritores, jornalistas e declamadores; comemoração de efemérides nacionais e internacionais de caráter cultural; organização de concursos literários; colaboração com os serviços de psicologia e apoio aos alunos oriundos de países estrangeiros, na organização de tertúlias multiculturais; feiras do livro, entre tantas outras que pretendem envolver toda a comunidade educativa. Esta nova biblioteca não está fechada em si própria e estabeleceu parcerias com a comunidade local,

nomeadamente a Câmara Municipal, a Biblioteca Rocha Peixoto e as restantes escolas do concelho que permitem a realização de atividades conjuntas, como foi o caso da exposição sobre a vida de Anne Frank, no âmbito do projeto sobre Direitos Humanos, em curso na nossa escola. Não posso deixar de mencionar o projeto europeu-SLAE-School Libraries Across Europe, coordenado pela nossa escola e pela sua biblioteca, que visou a partilha e divulgação de boas práticas no que respeita à dinamização e funcionamento das bibliotecas nos 9 países envolvidos no projeto, assim como a partilha e enriquecimento cultural de todos os envolvidos.

As estatísticas valem o que valem, mas agrada-nos registar a presença média diária de 150 alunos e 10 professores, no período de funcionamento diário da biblioteca, das 8.30h às 22.30, ininterruptamente.

Tal como a escola, a sua biblioteca também é de todos para todos, por isso, pretendemos que integre um plano de atividades e um acervo atualizado e adequado às necessidades dos seus utilizadores. Na qualidade de professora bibliotecária, cabe-me gerir esta dinâmica, trabalho nem sempre fácil, que não dispensa a colaboração da Direção, que desde o início funcionou como motor da mudança, dos vários professores que integraram esta equipa e das funcionárias que asseguram o trabalho diário na biblioteca. Em conjunto, trabalhamos para que a biblioteca dê o seu contributo para a formação dos seus utilizadores, nossos alunos hoje, cidadãos do mundo amanhã. E acima de tudo é nossa missão...promover a Vida na Biblioteca da Escola Secundária de Rocha Peixoto.

Albina Maia – Professora Bibliotecária

O

Teatro Escolar

e a importância das atividades extracurriculares na formação dos jovens...

“A expressão dramática oferece um amplo conjunto de condições para o desenvolvimento bio-psico-sócio-motor da criança, podendo ser regulada conforme os objetivos, as idades e os meios de que dispõe, tornando-se por excelência, uma importante forma de actividade educativa.”

António Nóvoa

Desde a Antiguidade, todos os grandes educadores são unânimes em considerar a atividade artística, seja ela a dança, a expressão plástica, o teatro... uma das mais importantes vertentes da educação e que, ao longo dos tempos, tem vindo sucessivamente a ser exaltada pelos governos, por um lado, e continuamente adiada por outro.

Não vou aqui discutir as diferenças, a meu ver puramente académicas, entre Educação Artística, Educação pela Arte ou Arte na Educação; o que na verdade interessa, é proporcionar aos alunos o contacto com as artes nas suas múltiplas vertentes.

Espartilhados por programas inflexíveis, cursos estruturalmente rígidos, conteúdos muito mais centrados nos conhecimentos científicos e pobres em referências culturais e artísticas, não é sem uma pontinha de orgulho que posso afirmar que leciono numa escola que muito tem feito para contrariar essa tendência e face à desresponsabilização dos governos nesta matéria, tem vindo, obstinada e paulatinamente, a promover atividades artísticas seja através do desporto escolar, da oferta formativa ou como projeto extracurricular.

Na minha prática letiva, comento, por vezes com os meus alunos que o seu desconhecimento de modelos e padrões culturais de qualidade é assustador; constato igualmente que as referências a nomes, obras, manifestações artísticas, não têm espaço de divulgação na comunicação social, não são contempladas nos programas disciplinares, não são assunto nas conversas informais com família e amigos.

Uma sociedade onde a celebração da cultura e das artes é relegada para um para um plano inferior, para um estatuto de menoridade e não merecedora de investimento porque não há retorno económico visível e imediato, arrisca-se, seriamente a ser uma sociedade menos consciente, menos crítica, menos interventiva e menos humanizada. Em suma, mais pobre.

Neste contexto, o teatro escolar é a afirmação de um espaço de liberdade, de descoberta e de responsabilidade partilhada e assumida;

de liberdade porque não há, à partida, a imposição de uma perspetiva, onde todos estão convidados a exprimir as suas ideias, as suas convicções e criatividade, exercendo livremente o direito à sua individualidade respeitando a individualidade do outro; liberdade também para explorar diferentes linguagens, na fusão e no diálogo de diversas expressões artísticas num jogo dinâmico que procura a inovação, a diversidade, a complementaridade sem estar comprometido ou ser refém de fórmulas pré concebidas; liberdade para dar vida a uma personagem e a uma história que, na vida real, nunca a poderia interpretar;



de descoberta, de si próprio, das suas capacidades, descoberta do outro e do relacionamento com o outro, da literatura e da poesia, da cultura e de culturas, das possibilidades expressivas do corpo e da voz, da humanidade e da falta dela, da sua criatividade, do saber ser e do saber estar perante um público, do controlo físico e do equilíbrio emocional, da autosegurança e da autoestima e valorização pessoal, do prazer de trilhar um caminho e experimentar um processo, sem fazer depender o sucesso pessoal de uma aprovação pública;

da responsabilidade, da sua capacidade de assumir um compromisso, de se empenhar num projeto e levá-lo até ao fim, da consciencialização plena que, do seu trabalho, do seu mérito, da sua participação, irá depender o trabalho de todo o grupo.

Vivemos num tempo em que os jovens sentem a pressão e a exigência de resultados, classificações, rankings, percentagens e competitividade mas convivem diariamente com a incerteza de um futuro onde nada está garantido; os afetos e relacionamentos fazem-se, cada vez mais, nas redes sociais, através dos simuladores, das realidades virtuais e dos sms, havendo cada vez mais meios para comunicar mas menos tempo para estar com os outros; vivemos numa sociedade que promove o produto acabado e pronto a consumir, passa-se mais tempo a vegetar passivamente em frente dos ecrãs do videojogos e das televisões.

Cabe à escola tentar colmatar esta falha, criar um espaço de intervenção para quem não se limita a ver, mas quer fazer; o teatro promove o encontro de pessoas, tornando-as protagonistas e agentes ativos, não meros espetadores de um enredo que lhes é estranho; desafia os jovens a deixar o seu nome escrito como ator e autor de uma obra que irá graças à sua iniciativa, ao seu inconformismo, ao seu esforço e à sua criatividade.

Quem passou pelo Teatro Escolar, deixou de ver a escola como estabelecimento de ensino... vinha para a sua outra casa, juntar-se à sua outra família para conviver, aprender, descobrir e divertir-se. Tudo fazia sentido e tudo tinha um propósito. O de nos enriquecermos e tornarmo-nos melhores pessoas.

E assim o teatro acontece.

Jorge Curto



Quando há catorze anos atrás me pediram para “pôr o pessoal a cantar” na festa de final de ano, estava longe dos nossos horizontes vir a desenvolver uma atividade consistente, estruturada e tão rica como a que se tornou o Grupo Coral da Escola Secundária de Rocha Peixoto. Contudo, o grupo inicial de professores e funcionários não desarmou e foi crescendo, alterando a sua constituição, aumentando a sua qualidade e abrindo-se cada vez mais à comunidade. E os alunos e encarregados de educação foram-se aproximando e participando ativamente neste projeto. E lá fomos nós, todos diferentes mas tão unidos, pela nossa escola e por tantas outras, pela nossa cidade e por outras tantas, por instituições e pelas ruas mostrar ao mundo quanta alegria a música nos pode dar...

Não me vou perder quantificando os diferentes concertos, os diferentes locais de encontros corais e atuações, mas é um prazer participar nas diferentes atividades desenvolvidas na escola, festejar com a comunidade o Dia

com um grupo de sensivelmente 25 adultos e outros tantos alunos! Sim, porque os alunos de diferentes áreas e cursos juntaram-se a nós abrilhantando as nossas atuações. Ao longo dos anos, alguns alunos foram fazendo parte do grupo, e o mais belo desta experiência é que muitos deles regressaram ao Grupo Coral após terminarem os seus cursos superiores. Que melhor maneira de mostrar que as horas que passaram na nossa escola, nos ensaios, não foram esquecidos! É um orgulho para todos nós!

Nos últimos anos, os alunos de uma turma inteira (Curso



Profissional de Técnico de Higiene e Segurança do Trabalho e Ambiente) juntaram-se a nós com uma dedicação e empenho admiráveis, e proporcionaram-nos momentos de rara beleza e qualidade. Este ano, mais alunas do 12º ano do Curso Profissional de Técnico de Receção se juntaram a nós por sua própria iniciativa. E vemos que são os pais e encarregados de educação que se

Que impacto tem o **Coro** na escola e nos alunos.

A importância destas atividades de enriquecimento curricular

Mundial da Música, cantar as Janeiras nas ruas da cidade, nos lares, cantar nas atividades promovidas pela Câmara Municipal da nossa cidade (Escola da Minha Vida, Correntes d’Escritas, As Escolas cantam o Natal...), promover Encontros de Coros e participar noutros encontros para os quais somos convidados, e fazer grandes concertos de Quaresma e de Natal...

E, com o tempo, evoluímos! Passamos de um repertório inicial tradicional português e de cariz folclórico para um trabalho a quatro vozes, polifónico, com acompanhamento de órgão, guitarras, cavaquinho, bandolim, violino, xequeré, clave cubana,... e tudo isto

envolvem, e são os meios de comunicação social que nos promovem, e é a Escola em peso que nos apoia! Que bom!

E a cada ano que passa, um sorriso nos lábios, uma alegria no coração, uma sensação de “dever cumprido” fazem-nos seguir em frente e procurar novos desafios, apesar das dificuldades de todos nós.

E agora, quem se atreverá a dizer que as atividades de enriquecimento curricular não são importantes e profícuas? Só quem não nos conhecer...

Só me resta dizer: Obrigada!

Eduarda Oliveira – Maestrina

Desporto Escolar 2010/2011

Danças Urbanas



Badminton



Basquetebol



Golfe



Boccia



Natação



Bodyboard



Voleibol



Voleibol



Danças Urbanas



transformação, às vezes, é tão notória no seio familiar que leva alguns encarregados de educação a interrogarem-se sobre o que terá acontecido para o seu educando estar tão mudado. E a dedicação que os alunos manifestam em relação ao Desporto Escolar em nada prejudica o seu aproveitamento escolar, pelo contrário, muitos destes atletas, talvez porque aprenderam métodos de organização, apresentam um rendimento escolar manifestamente superior àquele que apresentavam antes de iniciar a sua participação.

Nos últimos anos, o desempenho dos nossos alunos nas atividades desportivas tem sido de excelência e reconhecido por diversas entidades que de algum modo têm presenciado as suas exibições. Os resultados obtidos são fruto de um trabalho intenso dos professores que, desde o início motivam os alunos para a prática de atividades físicas. Cada professor, que faz parte deste projeto, dá um pouco mais de si no desenvolvimento das atividades.

Relativamente à quantidade e variedade de modalidades, o número tem vindo a aumentar sempre com o objectivo de satisfazer a procura de todos os alunos de acordo com o lema da nossa escola, "Escola de todos para todos".

No presente ano letivo o Desporto Escolar oferece, natação, bodyboard,

Desporto Escolar

A existência do Desporto Escolar, na Rocha Peixoto, perde-se no tempo. A Escola há muitos anos que participa em diversas modalidades do Desporto Escolar. Podemos mesmo afirmar que, desde que este surgiu, a Rocha Peixoto esteve sempre presente. Esta presença assídua proporcionou diversas distinções aos seus alunos, em diferentes modalidades.

A presença dos alunos nas atividades desportivas tem sido muito útil permitindo o desenvolvimento de competências de organização e sociabilidade imprescindíveis à sua formação integral. A rebeldia, o desalinho e o alheamento próprios da adolescência e da juventude são bastante atenuados naqueles que de facto se dedicam aos "prazeres" do desporto. Esta

basquetebol, voleibol, atividades ritmicas expressivas (danças urbanas), badminton, golfe, andebol e boccia.

A Escola Rocha Peixoto recebeu relativamente aos anos 2009/2010 e 2010/2011, o galardão na categoria "Escola", pelos êxitos alcançados e reconhecimento do trabalho desenvolvido no Desporto Escolar. Neste mesmo período a Escola foi ainda distinguida na categoria "Grupo/Equipa" nas Atividades Rítmicas e Expressivas, Danças Urbanas e categoria "Atleta" no Grupo/Equipa de Natação.

Os alunos, professores, pais e comunidade escolar, veem, deste modo, o seu esforço recompensado.

Marta Cardoso



O papel da escola: ontem, hoje e amanhã

A escola, principal instituição social dos nossos tempos, tem como função primordial fornecer aos jovens um manancial de ferramentas e referências intelectuais que lhes permitam compreender o mundo que os rodeia e comportar-se nele como autores responsáveis e ativos na construção de uma sociedade renovada onde os valores essenciais perdurem.

Há cinquenta anos atrás, a nossa escola era frequentada por poucas centenas de alunos que procuravam formação técnica e especializada para ingressarem seguramente no mundo de trabalho, enveredando por uma profissão para o resto da vida. A escola era vista como única fonte de saber, capaz de assegurar prestígio e posição social.

Hoje, a escola é um agente de mudança, de desenvolvimento e de renovação; a palavra “educar” adquiriu novas potencialidades e a escola tem esse compromisso social que a leva a uma constante atualização. É neste sentido que a Escola Secundária de Rocha Peixoto procura ser um potenciador de recursos, de exigência e rigor na aquisição de conhecimentos científicos e técnicos, um lugar aberto a novos talentos, conjugado com a responsabilização mútua, a tolerância e o respeito, em suma, procura inculcar valores essenciais como a democracia, a solidariedade e a justiça, pondo em prática um conjunto de atividades que concretizam o seu Projeto Educativo, incutindo nos seus alunos um verdadeiro espírito de cidadania.

Numa época de grave crise económica e financeiro como a que se vive, a escola tem como função crucial educar num espírito de liberdade de pensamento, de discernimento, de criatividade de que os jovens necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos do seu próprio destino.

O futuro necessita dessa diversidade de talentos e personalidades que serão tanto mais excecionais quanto maior a sua capacidade criativa for norteadas pelos valores humanos e sociais. Importa, portanto, formar jovens que disponham de uma base sólida em conhecimento histórico, linguístico e cultural para que no futuro possam ser profissionais competentes, empreendedores e interventivos na procura de soluções sociais e políticas.

A nossa escola fornece essa educação abrangente, rigorosa e exigente porque os jovens são a geração que tem nas mãos o poder de mudar o mundo.

Angelina Brandão

Coordenadora do Departamento de Ciências Sociais e Humanas

Temos Escola Nova...?!!

Também há cinquenta anos atrás a Escola Rocha Peixoto (à data, Escola Comercial e Industrial da Póvoa de Varzim) recebeu uma escola nova, como reconhecimento da necessidade de garantir aquela instituição as condições de instalações e meios técnicos adequados ao seu bom desempenho educativo, permitindo assim o seu crescimento institucional de qualidade. Recentemente a NOSSA ESCOLA também foi alvo de claras beneficiações e hoje temos um senhorio (Parque Escolar) que cobra renda e já se mostra lamentavelmente incapaz de suprir os erros de conceção e construção, por alegadas, mas esperadas dificuldades financeiras. Ao mesmo tempo, ironicamente com fundamento no alargamento da AUTONOMIA das escolas, pretendem impor-nos modelos de funcionamento e condições de trabalho de claro retorno ao passado, como se a evolução pudesse inverter a marcha do tempo; ensina-nos a Mãe Natureza que a evolução permite ajustes pontuais, mas não a recriação de tempos que tiveram, naturalmente, o seu tempo; só em obras ficcionadas como em “O Planeta dos Macacos” e “Parque Jurássico” e, mesmo aí, com péssimos resultados. Não questionando a relatividade do que à visão da realidade diz respeito, queremos continuar a acreditar, como vimos



fazendo há décadas, que a qualidade da nossa missão só poderá ser verdadeiramente cumprida por esta COMUNIDADE EDUCATIVA (Alunos, docentes, não docentes, Pais e Encarregados de Educação e comunidade envolvente) e não contra ela, vivendo o nosso lema de “Uma ESCOLA de TODOS para TODOS”

Só pode ser este o caminho.

Pedro Monteiro

Coordenador do Departamento de Matemática e Ciências Experimentais



A Escola de Hoje

A Escola de Hoje é, indubitavelmente, sinónimo de informação, formação e bem estar. É aquela que está orientada para a mudança, é a escola aberta, é aquele espaço onde deve dar gosto estar, aprender e ensinar.

A Escola de Hoje nada tem a ver com a de antigamente. Aos poucos, fomos assistindo a uma mudança de mentalidades. A escola foi-se transformando num local onde a experiência e o saber se entrecruzam, possibilitando interações e aprendizagens. Sem dúvida que está nas mãos de cada um de nós, professores, transformar a escola numa escola nova e aberta.

Será errado pensar que os professores são os únicos agentes do conhecimento. Cada vez mais, os nossos alunos trazem consigo os seus saberes, as suas vivências e experiências de vida, as marcas do seu meio envolvente que podem partilhar connosco e com os seus pares. Quantas vezes, dou por mim a ouvir com atenção aquilo que alguns alunos sabem e que eu não sei...Quantas vezes lhes peço ajuda quando tenho um problema para resolver no computador e não faço ideia onde devo mexer...



Vergonha? Nem pensar! Vergonha seria admitir que eles não me podem ensinar nada!

Defendo com unhas e dentes que a escola atual, além de promover conhecimentos, criar cultura ou desenvolver capacidades intelectuais e técnicas, deve promover também a compreensão, aceitar a diferença, inculcar valores e ajudar a ser tolerante.

É esta a Escola que os preparará para entrarem numa nova realidade. É esta a Escola que fará dos nossos alunos, cidadãos responsáveis, com valores e empenhados na construção de um país que os mereça!

Isabel Lima

Coordenadora do Departamento de Línguas e Literaturas

Uma escola inclusiva e acessível

Neste estabelecimento de ensino, o departamento de Expressões é constituído pelos grupos disciplinares de Educação Física (com 21 professores), de Educação visual (7 professores) e de Educação Especial (1 professora).

A referência fundamental para a sua orientação e organização é o Projeto Educativo da Escola.

Uma vez que este estabelecimento de ensino possui uma oferta formativa diversificada: cursos profissionais, tecnológicos e científico-humanísticos (no ensino secundário), 3º ciclo do ensino básico e Educação e Formação de Adultos (EFA), os seus professores procuram decidir de forma ajustada acerca da composição do currículo dos alunos, no quadro das orientações programáticas em vigor.

Acresce ainda que, no quadro das orientações programáticas em vigor, se juntam as opções sobre as atividades de complemento curricular que refletem as preocupações constantes desta escola em se ajustar à realidade promovendo, mesmo considerando todos os constrangimentos sistémicos, o desenvolvimento da comunidade ao interagir com ela, respeitando sempre as suas características e potenciando os seus recursos.

As decisões, de alcance plurianual, tomadas por este departamento, representam uma dinâmica de desenvolvimento das condições de realização das atividades educativas, bem como do processo curricular (articulação vertical do currículo e elevação das metas e resultados) que traduzam a realização dos objetivos de cada ano de curso e de ciclo.

As atividades de complemento curricular, onde destacamos o Desporto Escolar e a sua Gala anual, O Teatro e a sua Mostra de Teatro, já na sua 12ª edição, as atividades da Semana da Animação Sociocultural e das Artes Performativas, a Comemoração do Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, as visitas de estudo, as exposições e as ações de formação, a "Escola da Minha Vida", o "Dia da Escola", os "Jogos Desportivos Municipais", os vários "Torneios internos" e o projeto LEMBRA, reconhecidamente, trazem grandes benefícios educacionais e posicionam a nossa escola em lugar de destaque no panorama nacional e internacional.

Nas comemorações dos cinquenta anos da construção da nossa escola, hoje requalificada e preparada para os próximos anos, os professores do departamento de expressões através da educação física e do desporto, da educação visual e artística e da educação especial, num trabalho interdisciplinar, em colaboração com todos os elementos da nossa comunidade educativa, procurarão continuar a contribuir para a formação de alunos cada vez mais cultos, competentes e dinâmicos.

Ao proceder assim, numa escola inclusiva e acessível, acautela-se e preserva-se a construção, ainda que difícil, da plena integração da diversidade no todo que justifica o lema de ser "uma escola de todos para todos".

Dimas Pinto

Coordenador do Departamento de Expressões



A Nossa Oferta Escolar

**UM ENSINO E
FORMAÇÃO DE
QUALIDADE**

2012/2013

Cursos Diurnos

Ensino Básico:

- :: 7ºAno
- :: 8ºAno
- :: 9ºAno

Ensino Secundário:

- :: Cursos Científico-Humanísticos:
 - Curso de Ciências e Tecnologias
 - Curso de Línguas e Humanidades
 - Curso Sócioeconómicas
- :: Curso Técnico de Informática de Gestão
- :: Curso Técnico de Electrotecnia
- :: Curso Técnico de Produção Metalomecânica
- :: Curso Técnico de Apoio Psicossocial
- :: Curso Técnico de Recepção
- :: Curso Técnico de Gestão do Ambiente
- :: Curso Técnico de Apoio à Gestão Desportiva
- :: Curso Técnico de Hig. Seg. Trabalho e Ambiente

Cursos Nocturnos

- :: Cursos Científico Humanísticos;
- :: Cursos Tecnológicos
- :: Cursos Profissionais

Mais informações:

Na Escola Secundária de Rocha Peixoto, através dos seguintes contactos:

Tel. **252 600 550**
Fax **252 600 562**
Email **direcao@esrpeixoto.edu.pt**
www.esrpeixoto.edu.pt



Quadro de Excelência

7º Ano

Sara Carolina Dinis Gonçalves
Alexandre Miguel de Almeida Fabião
Maria da Silva Ribeiro Ferreira

8º Ano

Ana Rita Monteiro Martins Guedes
Ana Rita Ribeiro de Miranda Coelho
Irene Rosmaninho Coelho
Joana Filipa Pontes Azevedo
Joana Macieira de Amorim Lopes
Renato Oliveira Alves
Sara Peixoto da Silva
Maria Ana Lima e Silva Santos
Paulo David Carvalho Graça
Fátima Regina Gomes Rosa Rodrigues
Ana Manuel Baptista de Lima Silva Santos
Jorge Guilherme Baldaia Ermida

10º Ano

Carla Sofia Ramos Gonçalves
Carla Sofia Costa Carvalho
Diana Sousa Brenha
Maria José Pereira Henriques
Rui Jorge Marques Rajão
Carla Junqueira
Eduardo Filipe Neta Frasco
Sofia Marta Seixas de Brito
Adolfo do Carmo Gavina Serrão
Helena Maria Alves Santos

11º Ano

Ana Luísa de Castro
Carolina Alves Lino
Daniela Oliveira Resende
João Pedro Macieira de Amorim Lopes
José Miguel Silva Costa
Márcio Isac Mineiro do Monte
Tomás Troina de Carvalho
Vanessa Maria Alves Teixeira
Cátia Palmira Nunes Teixeira

Sara Sousa Torres
Ana Catarina Macieira Marques
Ana Rita Carneiro Teixeira
Nelson Moreira Carvalho
Ricardo Moreira Carvalho
Mariana Neves Azevedo
Sérgio Filipe Costa
Tânia Cristina Ferreira Neves Morim
Bruno Alexandre Duarte Madureira
Ilda Morim
João Pedro Carvalho Graça
Sandra Serra da Costa
Tiago Gonçalo Gomes Lopes
Vanessa Catarina de Araújo Pedrosa Gomes
Daniela Cristina da Costa Ribeiro
Edgar Francisco Dinis Gonçalves
João Pedro Ribeiro de Miranda Coelho
Marine Ferreira
Ana Sofia Ferreira Simões
Maria do Rosário Martins Oliveira

12º Ano

Alexandrina da Conceição Faria Oliveira
Carla Maria Gomes Delgado
Manuel João Teixeira Furtado
Mónica Figueiredo Dias
Ana Catarina Cunha Monteiro
Cláudia Alexandra Assunção Carvalhido
Helena Cristina Martins Ferreira
Joana Mª Pinto Pacheco Soares Machado
Pedro Miguel Bento Pinheiro
Daniela Vilas Boas Miranda
Mónica Sofia Ribeiro Moreira
Susana Ramos dos Santos
Alberto Filipe Morim Pereira
Sara da Fonte Anjo
Sofia Ferreira Giesteira
Sónia Gomes Correia
Joana Filipa Rocha Delgado
Ana Isabel Amorim da Costa Rodrigues
Carolina Silva Carvalho Alberto
Cláudio Filipe Rodrigues Matos
Eduardo António Martins Gonçalves
José Miguel Ferreira Costa Tavares
Pedro Nuno Fernandes Coelho
Cristiana Araújo Castro Branco
Sílvia Pereira Mandim da Silva

À semelhança dos últimos anos, a Escola Secundária de Rocha Peixoto vai distinguir os alunos, que em resultado do esforço e do seu empenho, mais se destacaram no ano lectivo 2010/2011 atribuindo-lhes os Diplomas de Quadro de Excelência

ESCOLA " NOBRE! EDIFICANTE!... "

**"ESCOLA SECUNDÁRIA DE ROCHA PEIXOTO,
Da PÓVOA DE VARZIM!"**

Esta Alma poveira, carinhosamente... fala-te assim:

Em **"02 de Junho de 1962,**
Foi a tua **INAUGURAÇÃO!"**

Em **"16 de Junho, deste ano de 2012;**
HOMENAGEAMOS-TE com DISTINÇÃO!..."

Em **MAGISTRAL Corolário!**
Pelo teu **"quinquagésimo Aniversário!"**

Ao **Recordar o Passado...**
Da tua **"EDIFICANTE Existência!"**
Está na minha memória,
A tua **"NOBRE História!"**

Neste, **Recordar o Passado...**
Na minha memória está lembrado...

"O miminho!

Daquele tempo passado..."

"Esse miminho!

Que por nossos **Professores,**
Zelosamente... **nos foi aplicado!"**

"Aquele **miminho!**
De **Alimento Cultural!**
Alimento de alicerce, **Primordial!"**
Que fez de Nós,
"Mulheres e Homens!

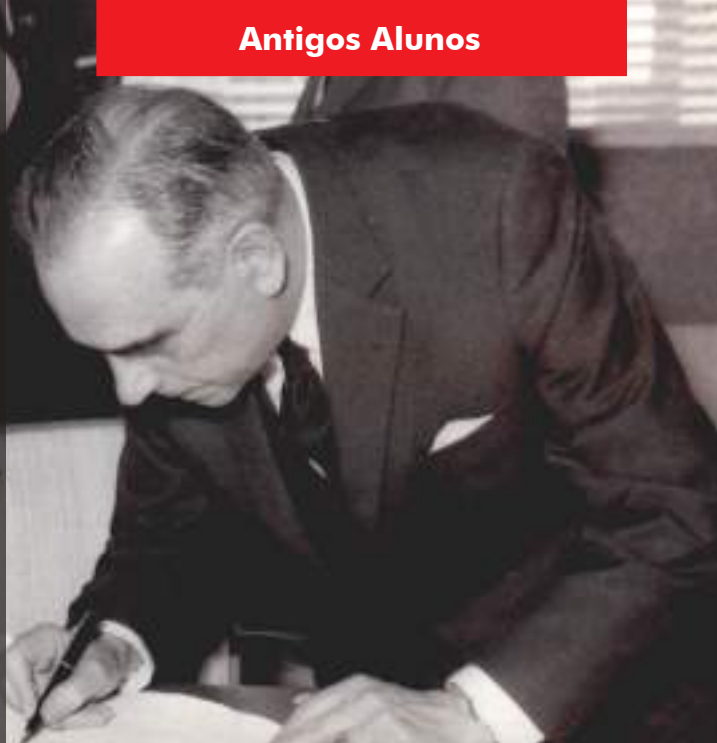
Com Valores e Sabedoria!
Enriquecidos, de **Instrução e Educação!"**

Neste, **Recordar o Passado...**
Mitiguemos a saudade, a nostalgia...
E para sempre, **"Recordemos este FELIZ Dia!**
De Harmonia!..."

Em **"Festa de Afectuosa união!**
De **Colaboradores, Alunos e Professores,**
Em **aprazível FRATERNIZAÇÃO!..."**

"ESCOLA SECUNDÁRIA DE ROCHA PEIXOTO!"
"HOMENAGEAMOS-TE com DISTINÇÃO!..."

A poveira pela Graça de DEUS!
Helena Maria Simões Duarte



Rocha em Números

- 1600** Alunos
- 190** Professores
- 60** Funcionários
- 1** Gabinete de Psicologia e Orientação Vocacional
- 1** Gabinete de Apoio
- 1** Biblioteca Escolar/MEDIATECA
- 6** Laboratórios
Biologia/Física/Geologia/Química
- 1** Laboratório de Matemática
- 2** Oficinas/ Laboratórios de
Electrónica e Mecânica
- 4** Salas de Informática
- 4** Salas de Desenho
- 2** Salas de Expressões
- 1** Centro de Estudo
- 36** Salas de aula
- 1** Ginásio
- 1** Pavilhão Gimnodesportivo
- 1** Campo de futebol relvado sintético
- 1** Piscina coberta e aquecida
- 1** Sala de Convívio/Bar
- 1** Sala de Directores de Turma
- 3** Gabinetes de Atendimento ao E E
- 1** Papelaria
- 1** Centro de Formação
- 1** Centro Novas Oportunidades

